

INTERPRETAÇÃO BÍBLICA E LUTERO

BIBLICAL INTERPRETATION AND LUTHER

*Flávio Schmitt*¹

“Que época! Que letras! E que prazer de viver!
Ulrich von Hutten.

RESUMO

Na medida em que a tradição cristã passou a considerar os textos em circulação nas primeiras comunidades como Escritura, e mais tarde, como Escritura Sagrada, aos poucos também precisou estabelecer critérios de interpretação. Num primeiro momento, esta necessidade foi solucionada com as decisões sobre os principais artigos de fé e pela formação do cânon do Novo Testamento.

No entanto, com o Movimento da Reforma surge uma série de questões relacionadas com o texto do Novo Testamento e sua interpretação. Neste contexto de polêmicas e disputas eclesiais estão alocadas as contribuições à interpretação bíblica de Lutero, Zwinglio, Calvino.

O presente estudo investiga questões de interpretação da Bíblia e apresenta a contribuição de Lutero à interpretação, bem como discute critérios luteranos de interpretação bíblica.

PALAVRAS-CHAVE: Sagrada Escritura, Movimento da Reforma, Lutero, Interpretação luterana.

ABSTRACT

As the Christian tradition considered the texts circulating in early communities as Scripture, and later as Holy Scripture, gradually, it also had to establish criteria for interpretation. At first, this need was addressed with the decisions on the main articles of faith and the formation of the canon of the New Testament. However, along with the Reform Movement, a series of questions related to the text of the New Testament and its interpretation arises. In this context of controversy and ecclesiastical disputes, contributions to biblical interpretation of

¹ Flávio Schmitt é doutor em Ciências da Religião pela UMESP, professor na Faculdades EST em São Leopoldo/RS. E-mail: flavio@est.edu.br.

Luther, Zwingli, Calvin are allocated. The present study investigates questions of interpretation of the Bible and presents Luther's contribution to interpretation, as well as discusses Lutheran criteria for biblical interpretation.

KEYWORDS: Holy Scripture, the Reform Movement, Luther, Lutheran Interpretation.

Introdução

Para falar da interpretação luterana da Bíblia é preciso falar de Martin Lutero. Afinal, é no legado de Lutero onde a tradição protestante luterana abastece seu repertório de conceitos e compreensões. Porém, para falar da interpretação luterana da Bíblia seria necessário falar de Martin Lutero e seu esforço por reivindicar uma igreja comprometida com o Evangelho. Para falar de Martin Lutero seria necessário falar do Movimento da Reforma, em especial no papel que desempenharam reformadores como, além de Lutero, Calvino e Zwinglio. Para falar do Movimento da Reforma seria importante falar do contexto eclesial, econômico e político que marca o tempo dos reformadores. Para falar da Europa no tempo dos reformadores protestantes, seria importante falar da Idade Média como um todo, suas sombras e filetes de luz. Para falar deste período da Idade Média seria importante falar do papel desempenhado pelos descobrimentos na vida e cosmovisão europeia daquele tempo. Em fim, para compreender as razões e motivações que envolvem questões de doutrina e interpretação da Bíblia neste período da história seria necessário contextualizar o que será dito.

Um empreendimento tão audacioso está fora de cogitação nas pontuais palavras aqui partilhadas sobre a interpretação luterana da Bíblia. No entanto, os limites no tocante ao empreendimento necessário para uma compreensão mais ampla e profunda da questão colocada, também denuncia as limitações da presente abordagem.

São muitos os gigantes do espírito que agitavam aquele tempo: “Erasmus, Budé, Rebelais, Paracelso, Dürer, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, Rafael, Bramante, Corte, Magalhães, Colombo, Copérnico, Maquiavel, Loyola, Calvino”, etc... Em todas as áreas da atividade humana há expoentes que se destacam nesta época. “Imperadores e papas, reis e generais, homens de Estado e líderes lutam, intrigam se agitam”.

As palavras aqui partilhadas pretendem situar a interpretação luterana da Bíblia no contexto da formação acadêmica situada entre a Escolástica e a Renascença, mais precisamente na formação monástica agostiniana, e seu reflexo nas questões de fé pessoais e eclesiais protagonizada por Martin Lutero.

1. A formação Agostiniana

A tradição agostiniana conheceu várias reformas durante os séculos XV e XVI, principalmente na Espanha e Itália. A principal delas diz respeito à “congregação dos observantes”. Na Espanha daquele tempo, por exemplo, os escritores agostinianos deste período constituem um grupo seletivo e sem maior expressão de teólogos dogmáticos, escrituristas, moralista e ascetas.

As principais fontes para falar da tradição agostiniana daquele tempo são as atas dos capítulos gerais e capítulos provinciais da congregação. E são justamente estas fontes que nada ou pouco dizem acerca do assunto que nos interessa.

Durante os séculos XV e XVI os conventos de orientação agostiniana eram centros vitais de espiritualidade. Na Espanha havia inclusive uma espécie de oposição e rivalidade entre reformados e enclausurados. Em geral, assim como na Itália, havia seguidores agostinianos que se cuidavam para não galgar graus acadêmicos. Também entre os franciscanos espanhóis, havia inclusive um ordem proibindo membros do convento de Oviedo, por exemplo, de se graduarem. Esta prática se caracteriza

pela desconfiança sistemática na ciência especulativa, tachada de infrutuosa para a vida espiritual (ANDRES, 1976, p.142).

Mesmo entre os “observantes” espanhóis, havia uma verdadeira aversão aos estudos humanistas. A gramática compreendia basicamente o estudo de autores clássicos. Além de não ter professores de humanidades, entre os agostinianos observantes ninguém queria desempenhar esta função. Estavam amparados na palavra de Gregório Magno sobre Agostinho e Jerônimo dirigidas a Desiderio, bispo de Viena (França): “Los estudios de los autores clásicos son bagatelas que desdican de un laico verdaderamente cristiano, cuanto más de um religioso” (ANDRES, 1976, p.145).

Os dois grupos, enclausurados e observantes, representam um fenômeno comum a toda Europa, com características próprias em cada país e que representam a devotio moderna. Além disso, havia um movimento bíblico de teologia positiva como contraposição à escolástica e sistemática².

Enquanto na Espanha o principal centro de formação dos agostinianos, entre os séculos XV e XVI, se encontrava em Salamanca, na Alemanha havia vários centros, um deles encontrava em Erfurt. Também na Itália, os agostinianos mantinham centros de formação teológica em Nápolis, Roma, Perugia, Siena, Florência, Pisa, Bolonha, Rimini, Veneza, Pádua, Milão, Fermo e Palermo (ANDRES, 1976, p.151).

²A chamada “via moderna” ou devotio moderna havia logrado se impor sobre as escolas mais antigas da teologia escolástica, como o Tomismo e Scotismo. O Nominalismo separava rigorosamente a razão da revelação. LAU, Franz. Lutero. p.18. ANDRES, Melquiades. La teologia española en el siglo XVI. p.143.

Para um agostiniano o estudo da Sagrada Escritura era ocupação fundamental, depois da santidade e da observação da ordem (ANDRES, 1976, p.157).

Em geral, os agostinianos sempre se distinguiram pela formação humanista, latina, grega, hebraica. Na Alemanha, os monges da observância mantinham um profundo zelo teológico. Lutero foi monge da Observância durante quase duas décadas. Em boa medida, a caminhada de Lutero de monge mendicante a professor de teologia e exegeta da Sagrada Escritura é fruto, em grande medida, da Ordem dos Agostinianos (LAU, 1982, p.17).

1.1 A Faculdade de Artes

Lutero viu a primeira Bíblia, uma Vulgata, quando se encontrava em Magdeburgo, por volta de 1500, na escola latina mantida pelos Irmãos da Vida Comum, onde permaneceu por um ano, retornando para casa por causa de uma enfermidade.

Depois de passar algum tempo em Eisenach, em 1501 o pai envia o filho para Erfurt, com o objetivo de torná-lo jurista. Em Erfurt, Lutero ingressou na Faculdade de Artes.

Na Faculdade de Artes seguiu a formação universitária normal. Este era o passo necessário para consagrar-se à teologia, medicina ou direito. Neste estudo os estudantes percorriam o ciclo das artes liberais. O conjunto destes ensinamentos compreendia setes matérias. Além de gramática, completam o número as disciplinas de dialética, retórica (Trivium), geografia, aritmética, música e astronomia (Quadrivium). Além disso, Lutero aproveitou este período para tomar contato com a espiritualidade occamista, com o humanismo e com a cultura antiga (GREINER, 1969, p.18s).

Em todo caso, foi em Erfurt que Lutero aprofundou seus conhecimentos de grego. A leitura e estudo das obras de Aristóteles fazia parte da formação filosófica. Seus professores de filosofia eram nominalistas, occamistas. No período de estudo de Lutero

predomina o Nominalismo da escola de Occam. Somente mais tarde, já em Wittenberg, Lutero viria sofrer uma influência maior da tradição tomista com Karlstadt (LAU, 1982, p.18,33).

1.2 O mosteiro eremita em Erfurt

No mosteiro dos eremitas agostinianos em Erfurt Lutero fez um ano de noviciado³. A partir dos votos realizados em 1506, seu futuro passou a depender mais da ordem do que da vontade própria. A ordem então o encaminha para a ordenação ao sacerdócio e ao estudo teológico, ainda que o estudo teológico não fosse condição para ordenação (LAU, 1982, p.27).

Neste contexto, “Estudar teologia significava aprofundar-se num determinado número de obras teológicas” (LAU, 1982, p.27). Entre os seis mosteiros da Alemanha, Lutero escolheu o de Erfurt onde passou a estudar As Sentenças de Pedro Lombardo, as Questiones de Guilherme de Occam, e, para a interpretação da Escritura, a Glossa Ordinária, atribuída a Walahfrid Strabo. Todas estas são obras influenciadas pela escolástica nominalista. Foi na recém criada Universidade de Wittenberg⁴ que Lutero iniciou sua atividade docente na área da filosofia moral, com aulas sobre Ética a Nicômaco de Aristoteles (LAU, 1982, p.20).

Segundo Franz Lau, durante o período de estudo e formação de Lutero predomina o Nominalismo da escola de Occam (LAU, 1982, p.18).

³ A Ordem dos Agostinianos Eremitas havia sido fundada em 1256. “No século XV, uma série de conventos agostinianos criou na Itália e na Alemanha uma “congregatio reformatata”. Com esse tipo de congregação os agostinianos romperam os limites jurisdicionais das províncias eclesiásticas e passaram a eleger a direção da congregação com autonomia. DREHER, Martin N. Reflexões em torno de Lutero.I. p.32.

⁴ A Universidade de Wittenberg foi criada por Frederico, o Sábio, numa cidade pequena (2000 habitantes) e suja, um lugar não adequado para a época. LAU, Franz. Lutero.32.

1.3 Universidade de Wittenberg

Convidado pelo príncipe Frederico, o fundador da Universidade, para ser professor em Wittenberg, Lutero somente assume o lugar de Staupitz no ensino da Sagrada Escritura a partir de 1512. Nesta instituição ministrou suas primeiras preleções sobre os Salmos, a carta aos Romanos, Gálatas e Hebreus.

No início, Lutero basicamente seguia a tradição medieval e agostiniana de estudo da Sagrada Escritura. Em geral, os comentários são feitos tomando por base os quatro sentidos bíblicos tradicionais:

Littera gesta docet; quid credas alegoria;
moralis quid agas; quo tengas anagogia.

Segundo este procedimento, numa boa interpretação bíblica, o texto deve contemplar quatro níveis de significação:

A letra mostra-nos o que Deus e nossos pais fizeram (histórico)
A alegoria mostra-nos onde está oculta a nossa fé (alagórico)
O significado moral dá-nos as regras ocultas da vida diária (tropológico).
A anagogia mostra-nos aonde termina a nossa luta (anagógico)
(BRAKEMEIER, 2003, p.40).

No estudo da Sagrada Escritura havia duas leituras: a cursoria ou textual que seguia o sentido literal e a magistral, que poderia seguir qualquer um dos demais sentidos (ANDRES, 1976, p.312). A pregação fazia parte do ensino da Escritura. A interpretação da Sagrada Escritura também era importante, pois constituía a base da pregação.

Já as aulas de Lutero consistiam de glossas, explicações detalhadas de palavras e frases, e escólios, explicações de trechos maiores. Por seus comentários, é possível perceber o quanto Lutero se distancia da tradição agostiniana e passa a dar ênfase cada vez

maior ao sentido literal (*sensus literalis*).

Uma clássica consideração medieval afirma que a Sagrada Escritura é um livro escrito por dentro e por fora (*intus et foris*) (ANDRES, 1976, p.318). Conforme o autor da teoria, Nicolau de Lira (1270-1340), o *foris* se refere ao senso literal da Escritura, enquanto o *intus* diz respeito sentido místico subjacente ao literal. “*Scriptura bene dicitur liber scriptus intus et foris; foris quantum ad sensum litteralem, intus vero quantum ad sensum mystiicum sub littera latentem*”⁵.

Se é certo que “Lutero deve ser compreendido, em primeira linha, a partir da sua formação no mosteiro e do seu estudo teológico”, como afirma Franz Lau (1982, p.19), então também devemos considerar que a interpretação bíblica de Lutero é profundamente devedora aos estudos bíblicos na ordem dos agostinianos, primeiro em Erfurt, depois em Wittenberg.

2. Interpretação luterana

Os conteúdos que podemos conceituar hoje como “interpretação luterana da Bíblia” estão inseridos no que Lutero entende por *sola scriptura*. Ainda que o sentido de *sola scriptura* esteja diretamente relacionado com a compreensão de *sola fide*, *solus Christus* e *sola gratia*, é a partir do pressuposto bíblico que Lutero elabora sua compreensão.

O “*sola scriptura*” se condiciona ao “*sola gratia*” e “*sola fide*”. Somente em conexão com estes, aquele pode ser sustentado. ... Sem o evangelho, a Escritura permanece sendo letra morta. Merece ser ressaltado que tal concepção inevitavelmente

⁵ ANDRES, Melquiades. La teología española en el siglo XVI. p.311. Nicolau de Lyra (1270-1340), que chegou a ser considerado a luz no meio das trevas na época da Reforma. Acusou o sentido quádruplo de sufocar o literal. Embora admitisse dois sentidos, o literal e o místico, a sua base era o literal e também via da mesma forma em relação a doutrina.

exclui tanto o uso literalista da Bíblia quanto a arbitrariedade hermenêutica (BRAKEMEIER, 2004, p.39).

Por ocasião da intimação para comparecer à Dieta em Worms em 1521, onde foi pressionado a revogar o que havia escrito e pregado, Lutero se dirige aos seus interlocutores com uma atitude digna de espanto para a época. Ele diz:

"Visto que Vossa Majestade Imperial e Vossas Senhorias me pedem uma resposta categórica, vou dá-la claramente. Minha consciência está cativa à Palavra de Deus. Enquanto não me tiverem convencido pela Sagrada Escritura, não posso, nem quero, retratar-me de coisa alguma, pois é perigoso agir contra a consciência. Não posso falar de outro modo. Eis-me aqui. Que Deus me ajude! Amém" (BRAKEMEIER apud DREHER, 1981-1988, 29).

O espanto destas palavras reside no fato de Lutero enfrentar a autoridade secular e da Igreja, confrontar a maioria dos teólogos contemporâneos e a toda uma tradição eclesial fundada no princípio da autoridade e arraigada há séculos; invocando o testemunho da Sagrada Escritura.

Evidentemente que a postura de Lutero não pode ser legitimada pelo título de doutor da Sagrada Escritura que detém desde 19 de outubro de 1512, muito menos com alguma revelação com a qual teria sido privilegiado pelo Espírito Santo. Nem título, nem revelação especial. Lutero simplesmente recorre à autoridade da Escritura.

Ao recorrer à autoridade da Escritura, Lutero recorre a dois princípios fundamentais: Primeiro, *Scriptura scripturae interpres*, ou seja, Escritura é intérprete da Escritura; segundo, *Omnis intellectus ac expositio Scripturae sit analogia fidei*, ou seja, toda compreensão e exposição da escritura seja de acordo com a analogia da fé.

Ao aplicar um princípio conhecido na Idade Média, segundo o qual, a Escritura se interpreta a si mesma ou “*scriptura sacra sui ipsius interpres*” (1 Co 2.14), Lutero abre um novo capítulo na história da interpretação bíblica.

“A chave hermenêutica, quando imposta de fora aos textos, costuma obedecer a interesses dos e das intérpretes” (BRAKEMEIER, 2004, p.42). Nesse sentido, Lutero argumenta que não é a igreja que deve determinar o que as Escrituras tem a dizer, mas o contrário, o que as Escrituras tem a dizer à igreja.

No processo de compreensão de que a Escritura é normativa - “norma normans”-, e que se interpreta a si mesma, Lutero distingue entre o *spiritus proprius* e o espírito da Escritura (BRAKEMEIER, 2004, p.42).

Lutero, pois, faz uma dupla distinção: Ele distingue entre o espírito da Escritura e o espírito dos intérpretes de um lado, e ele distingue, na própria Escritura, entre periferia e centro, entre letra e espírito, entre texto e palavra de Deus por outro (BRAKEMEIER apud DREHER, 1981-1988, 34).

Por *spiritus proprius* Lutero entende os interesses, cosmovisão, sentimentos, anseios do intérprete. Nas palavras de Bultmann, *spiritus proprius* poderia ser a pré-compreensão, ou em termos teológicos latino-americanos, os pressupostos ideológicos. Na compreensão de Lutero também estão incluídos os condicionamentos culturais de uma época e momento histórico. Além disso, este espírito não diz respeito apenas ao indivíduo, mas pode ser o espírito da igreja ou de alguma outra organização humana. Sempre que o intérprete sobrepõe seu próprio espírito ao espírito da Escritura, encontrará nela apenas o que já sabe. Porém, ao sobrepôr o espírito da Escritura ao espírito do interprete, encontra a Palavra de Deus. Por isso, é fundamental que o espírito próprio se submeta à Escritura (BRAKEMEIER apud DREHER, 1981-1988, 28).

É nesse sentido que Lutero argumenta a favor da auto-interpretação da Escritura, ou seja, descobrir e sujeitar-se ao espírito que é inerente à Escritura.

Significa de modo algum, dispensa da necessidade de interpretá-la e de investir energias na sua compreensão. Muito pelo contrário, a auto-interpretação da Bíblia acontece no esforço pela compreensão dos textos, na pesquisa, na reflexão (BRAKEMEIER apud DREHER, 1981-1988, 29).

Nesta direção, já para Lutero, na exegese o intérprete passa a ser o interpretado. A Escritura, de interpretada, passa a ser intérprete. Ela interpreta a vida, a realidade e a condição humana diante de Deus. Ela é interpeladora de seus leitores.

Outro sentido dado a expressão *Scriptura scripturae interpres* - Escritura é intérprete da Escritura -, está relacionada com a distinção entre o espírito da Escritura e Palavra de Deus. Nesse sentido, “a Escritura não tem dignidade em si mesma, a sua dignidade, autoridade e canonicidade derivam deste seu conteúdo, respectivamente da causa por ela testemunhada” (BRAKEMEIER apud DREHER, 1981-1988, 39).

Ainda que a Escritura seja “clara como a luz do dia”, Lutero não ignora a existência de passagens obscuras e de difícil compreensão na Bíblia, razão pela qual seu estudo se faz necessário e de forma diligente.

Lutero, tal qual a tradição teológica de sua ordem em seu tempo, parte do princípio de que a Escritura Sagrada é Palavra de Deus. Nesse sentido, é importante destacar que Lutero e, por extensão a tradição luterana, “preconiza a palavra de Deus e não um código de letras como sendo a única norma e regra da fé”. Para Lutero, palavra de Deus e Escritura não são “exatamente coincidentes”, sendo necessário distinguir sem separar (BRAKEMEIER, 2004, p.38).

Sagrada Escritura não é uma instância formal de legitimação de autoridade. A normatividade reside no conteúdo soteriológico. “É o evangelho que confere normatividade à Bíblia, não vice-versa” (BRAKEMEIER, 2004, p.39). Nesse sentido, Lutero entende que o centro da Escritura não é algo escrito, não é um dogma, não é a letra, mas a proclamação, a prédica, o evangelho vivo e vivido.

Para Lutero e a tradição interpretativa luterana da Sagrada Escritura, a Palavra de Deus consiste no anúncio oral, na pregação, na viva vox evangelii. Normativo na Sagrada Escritura é o evangelho, conteúdo essencial, básico e fundamental da fé. “Sem o evangelho, a Escritura permanece sendo letra morta” (BRAKEMEIER, 2004, p.40).

Diante de magistérios humanos e eclesiásticos, a interpretação luterana afirma a exclusividade do magistério de Jesus Cristo. Para Lutero há um eixo gravitacional que gira em torno do que na interpretação da Escritura promove a Cristo (Was Christum treibet).

“O que promove a Cristo” é, como se sabe, o princípio crítico a que, de acordo com Lutero, a própria Escritura deve submeter-se. Pode-se falar tranquilamente de uma interpretação cristológica não só do evangelho como também da Bíblia na tradição luterana. “Sola scriptura” quer ser entendido como sinônimo de “solus Christus”, como manifestação da graça de Deus a ser acolhida na fé. É o “Christus pro nobis”, não um mero nome, que perfaz a chave hermenêutica da Bíblia (BRAKEMEIER, 2004, p.41).

Em outras palavras, as Escrituras são sagradas, pelo fato de Cristo ser a própria Palavra de Deus, o Logos que se fez carne e habitou entre nós. Nesse sentido, a normatividade da Sagrada Escritura está fundada em Cristo. Ele é a palavra viva de Deus para a humanidade de todos os tempos. Na Escritura, o evangelho apenas encontrou sua forma escrita. Porém, a forma escrita não pode ser identificada com o espírito do evangelho.

Na defesa do sentido cristológico das Escrituras Lutero afirma:

“Conheço o conteúdo das Escrituras, pois elas não contêm outra coisa a não ser o Cristo” e “aquele que ler a Bíblia deve simplesmente prestar atenção para não errar, pois as Escrituras podem permitir que sejam estendidas e conduzidas, mas que ninguém as conduza de acordo com suas próprias inclinações; antes, que essa pessoa as leve para a fonte, isto é, a cruz de Cristo. Então, certamente acertará o alvo”⁶.

Concluindo

Não é possível dizer que Lutero primeiro elabora seus princípios e compreensões acerca da Escritura Sagrada para depois ir ao texto bíblico e interpretá-lo. Pelo contrário, é no processo de interpretar que o reformador vai elaborando, buscando e encontrando, seus princípios norteadores da interpretação. Nesse sentido, podemos concluir que se queremos novos elementos para interpretar, precisamos primeiro nos aplicar ao texto, nos ocupar com a Escritura.

Lutero se ocupou com a Escritura de forma intensa. Ainda que no seu tempo e em sua ordem as orientações e prioridades fossem outras, Lutero não apenas aprendeu sobre a Bíblia. Ele estudou a Escritura. Interpretou a Escritura para questionar concepções e desafiou as autoridades de seu tempo com sua interpretação da Escritura.

Lutero também traduziu a Bíblia. Em dez meses traduziu o Novo Testamento enquanto permanecia escondido das autoridades no castelo de Wartburg em Eisenach. Mais tarde, com a ajuda de Felipe Melancton, traduziu também o Antigo Testamento. Somente depois de mais de dez anos de aplicação ao texto, foi

⁶ JUNIOR, Paulo. Lutero e a interpretação da Bíblia. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/lutero-e-a-interpretacao-da-bibla>>. Acessado em 16.04.2012.

publicada a Bíblia em língua alemã.

Lutero também escreveu comentários. Os mais conhecidos são o comentário aos Salmos, a Romanos e Gálatas. O comentário aos Salmos, o primeiro comentário escrito quando do início de sua atividade docente, ainda preserva o método de leitura da época – os quatro sentidos. No entanto, no esforço de interpretação, Lutero vai conferindo cada vez maior importância ao sentido histórico e, principalmente, literal.

Em seus escritos, especialmente nos comentários, Lutero faz um detalhado estudo filológico das palavras. Também faz uma análise literária das obras. Isso pode ser verificado no comentário à carta aos Gálatas e Romanos, especialmente. Lutero também trabalha com uma espécie de “teoria da recepção”. Além de verificar o sentido das palavras numa perspectiva literal, busca verificar como determinadas palavras e passagens foram compreendidas e interpretadas pelos Pais da Igreja. Por fim, Lutero reflete para dentro do texto as questões, os conflitos e problemas com os quais se vê confrontado.

Nestes três aspectos é possível perceber uma diferença em relação aos comentários de Agostinho. Enquanto Agostinho trabalha mais com dados e conhecimentos da ciência de sua época e não tanto com a análise textual, Lutero praticamente inverte esta relação ao dar maior importância à análise textual e praticamente ignorar as Ciências da sua época. Em grande medida esta diferença se deve ao fato de a Igreja ainda não determinar o conhecimento científico na época de Agostinho como determinava na época de Lutero.

Além disso, Lutero foi um incansável pregador. Aprendeu com os agostinianos. Suas obras dão conta destes aspectos. É no esforço de leitura e na pregação, praticamente diária, que os princípios luteranos de interpretação mais afloram. É nesta linha de interpretação mais pastoral que também podemos situar os

materiais didáticos elaborados para a catequese, tanto o Catecismo Maior, quanto o Menor.

As consequências do modo luterano de ler a Escritura nos são conhecidas. Também continuam vivas as supostas consequências nefastas à interpretação, não obstante os avanços, que culminaram no método histórico-crítico patrocinado pela escola liberal europeia.

Também, é verdade que o deslocar da autoridade do Magistério na interpretação e a concessão a cada cristão do direito de ser intérprete da Escritura, abriu as portas para que abusos de interpretação da Escritura viessem a ser praticados, infelizmente até nossos dias.

No entanto, quer me parecer que os elementos da interpretação luterana permanecem válidos, especialmente frente a duas questões de interpretação de nosso tempo, a saber, o fundamentalismo e o pluralismo.

Por um lado, toda questão ligada à inerrância bíblica, peça chave do fundamentalismo cristão, presente já, embora de forma indelével, na ortodoxia luterana pós-reforma; ganha outro sentido a partir das pontuações de Lutero. *Sola scriptura* não diz respeito exclusivamente à letra da Escritura, mas ao seu conteúdo, testemunho, espírito. Diz respeito ao Evangelho.

Além disso, a interpretação luterana da Bíblia nos preserva do pensamento único. Não obstante a necessária analogia doutrinária com as grandes questões de fé e verdades fundamentais do cristianismo, a interpretação é também um ato de afirmação da liberdade cristã. Paulo fala ao Gálatas: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou” (Gl 5.1). Para uma interpretação luterana da Bíblia, ou, como queria Lutero, para uma interpretação cristã da Escritura, interpretar é também um ato e exercício de liberdade.

Referências

ANDRES, Melquiades. La teologia española en el siglo XVI: I. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1976. 426 p.

BRAKEMEIER, Gottfried. A autoridade da Bíblia: controvérsias, significado, fundamento. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2003. 90 p.

BRAKEMEIER, Gottfried. Somente a escritura: avaliação de um princípio protestante: reação a Gunter Wenz, 'Evangelho e Bíblia no contexto da tradição confessional de Wittenberg'. Estudos Teológicos, v. 44, n. 1, p. 37-45, 2004.

DREHER, Martin N. Reflexões em torno de Lutero. São Leopoldo: Sinodal, 1981-1988. 3 v.

GREINER, Albert. Lutero: ensaio biográfico. São Leopoldo: Sinodal, 1969. 207 p.

LAU, Franz. Lutero. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1982. 109 p.

KIRK, Andrés. A Bíblia e sua hermenêutica em relação à teologia protestante na América Latina. São Paulo: Edições Vida Nova, 1973. 38 p. (Tópicos do Momento).